

## SUBSÍDIOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS A SERVIÇO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL

*Claudia Moura da Rocha* (UERJ e SME-RJ)  
[claudiamoura@infolink.com.br](mailto:claudiamoura@infolink.com.br)

### RESUMO

Alunos dos mais diferentes níveis de ensino têm demonstrado considerável dificuldade em tarefas que deveriam ser triviais, como ler textos e saber produzi-los. Como essa situação costuma provocar impactos em diversos âmbitos da vida em sociedade, torna-se imprescindível buscar estratégias de ensino-aprendizagem que venham a modificar tal realidade. Para tanto, propõe-se o emprego de subsídios semântico-pragmáticos a serviço da leitura e da produção textual. A Semântica, ocupando-se do sentido recuperável a partir da superfície textual, e a Pragmática, considerando as lacunas do texto e os seus implícitos, oferecem ao professor de Língua Portuguesa as ferramentas necessárias para que a leitura e a produção de textos deixem de ser um obstáculo na vida dos estudantes. Os estudos de Marques (1976; 2003), Ilari e Geraldini (2003), Ducrot (1987) e Levinson (2007), entre outros, subsidiam as análises textuais propostas, sempre com o intento de ler as linhas (e também as entrelinhas) de um texto. Acredita-se que as atividades de leitura são complementares às de produção textual, uma vez que um leitor proficiente poderá tornar-se, por conseguinte, um bom produtor de textos.

### Palavras-chave:

Pragmática. Semântica. Leitura e Produção Textual.

### *1. Considerações iniciais sobre o estágio atual do ensino de leitura e de produção textual*

Notícias recentes nos dão conta de que os estudantes brasileiros levarão 260 anos para atingirem o nível de leitura proficiente dos estudantes de países desenvolvidos. Em sala de aula, podemos facilmente comprovar a veracidade da pesquisa que apresentou tal resultado. Alunos dos mais diferentes níveis de ensino têm demonstrado considerável dificuldade em tarefas que deveriam ser triviais, como ler textos e saber produzi-los.

Atualmente é alto o índice de desempregados, mesmo entre os que conseguiram concluir os estudos; entre os que não lograram esse êxito, a situação é mais complicada. A mão-de-obra mostra-se desqualificada em virtude de lacunas educacionais dessa natureza. Como essa situação costuma provocar impactos em diversos âmbitos da vida em sociedade, tor-

na-se imprescindível buscar estratégias de ensino-aprendizagem que venham a modificar tal realidade.

Para tanto, propõe-se o emprego de subsídios semântico-pragmáticos a serviço da leitura e da produção textual. A Semântica, ocupando-se do sentido recuperável a partir da superfície textual, e a Pragmática, considerando as lacunas do texto e os seus implícitos, oferecem ao professor de Língua Portuguesa as ferramentas necessárias para que a leitura e a produção de textos deixem de ser um obstáculo na vida dos estudantes. Os estudos de Marques (1976; 2003), Ilari e Geraldi (2003), Ducrot (1987) e Levinson (2007), entre outros, subsidiam as análises textuais propostas, sempre com o intento de ler as linhas (e também as entrelinhas) de um texto. Acredita-se que as atividades de leitura são complementares às de produção textual, uma vez que um leitor proficiente poderá tornar-se, por conseguinte, um bom produtor de textos.

## 2. *Subsídios semânticos*

Traçar uma linha divisória entre duas ciências como a Semântica e a Pragmática é uma tarefa extremamente difícil e talvez até mesmo incoerente, uma vez que ambas auxiliam o leitor em sua busca do significado. No entanto, muitas vezes, como ocorre neste texto, essa distinção tem caráter didático. Analisaremos separadamente algumas contribuições possíveis oferecidas por cada uma dessas áreas apenas com o intuito de demonstrar o que o professor pode explorar com seus alunos em sala de aula. Nunca é demais ressaltar que não há necessidade de se empregar a nomenclatura específica de cada uma dessas ciências com os alunos (a não ser em casos de termos de ampla utilização, inclusive nos livros didáticos, como *polissemia*, *sentido denotativo*, *sentido conotativo*, *metáfora*, por exemplo).

A princípio, poderíamos conceituar, de uma maneira muito simplista, a Semântica como a ciência que se ocupa do significado. Entretanto, não há um consenso em relação a uma definição de Semântica, muito menos do que seria significado, como assinala Marques:

Pelo que se depreende das observações anteriores, não há consenso entre os especialistas quanto a uma definição de semântica e, tampouco, quanto à delimitação do que seria objeto da semântica.

Apesar disso, encontram-se, com frequência, nos trabalhos de semanticistas, definições do tipo: semântica é o estudo do significado em linguagem, semântica é a disciplina linguística que estuda o sentido dos elementos formais da língua, aí incluídos morfemas, vocábulos, locuções e sentenças (= es-

truturas sintaticamente completas ou linguisticamente gramaticais), ou, ainda, semântica é o estudo da significação das formas linguísticas.

Parece, então, muito simples chegar à conclusão de que a semântica tem por objeto o estudo do significado (sentido, significação) das formas linguísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, conjuntos de sentenças, textos etc., suas categorias e funções na linguagem.

Um exame mais detido iria mostrar, contudo, que essas definições de semântica e a delimitação do objeto da semântica que delas se infere são parciais e insuficientes. Podem ter até valor operacional e servir de guia para a análise de questões tradicional e empiricamente intuídas como semânticas. Mas, de fato, não se esclarece um dado fundamental: o que é significado (sentido, significação).

Um dos sérios empecilhos ao tratamento coerente das questões semânticas é a inexistência de uma conceituação precisa, consensual e abrangente de significado. (MARQUES, 2003, p. 15)

Ilari e Geraldí (2003, p. 5-7) se referem aos “limites movediços da semântica”, justamente pela diversidade de enfoques sobre o que seria significação e o tratamento de questões semânticas.

Observando definições propostas por outros estudiosos do tema, identificamos mais um aspecto em relação à sua área de atuação.

Assumimos que a Semântica se ocupa dos significados explícitos, convencionais e invariantes das expressões linguísticas, aqueles que permanecem estáveis independentemente das situações de uso. Assumimos ainda que o significado linguístico codifica informação sobre o mundo e desempenha um papel de relevo na configuração dos nossos estados mentais. (LOPES; RÍO-TORTO, 2007, p. 13)

As autoras mencionam significados “estáveis independentemente das situações de uso”, o que significa, em outras palavras, a desconsideração do contexto, da situação, do usuário. É importante salientar tal menção, porque mais adiante trataremos da Pragmática, que, ao tratar do significado, não desconsidera o contexto ou a situação nem o usuário.

Passemos, portanto, à análise de algumas questões semânticas que podem diretamente contribuir para a compreensão textual: a noção de campo lexical, de sentido denotativo e conotativo e, por fim, de metáfora e de comparação.

Tomemos como objeto de análise o artigo sobre as eleições presidenciais escrito por um conhecido *chef* de cozinha brasileiro, Felipe Bronze. Logo no primeiro parágrafo, o articulista anuncia que desenvolverá sua argumentação tendo como fio condutor a metáfora e a comparação, ao relacionar presidenciáveis com pratos ou *chefs* conhecidos.

Cozido de domingo

Felipe Bronze

Eleição presidencial é coisa séria. Mas, num exercício de loucura, me pus a delirar, sob a ótica de um cozinheiro, que pratos ou chefs seriam nossos candidatos se, ao invés de mandatários supremos de nossa nação, nossos presidencializáveis fossem magicamente traduzidos para o universo da gastronomia. Vejamos.

Imagino o companheiro Boulos como um pato faisandê. O termo *faisandê* – pronuncia-se “fesandê” – se refere à carne de caça, geralmente aves, que se deixa propositalmente chegar ao início da decomposição para ser degustada. Uma putrefação controlada. É uma técnica antiga, utilizada numa época de pouco entendimento da ciência, que funcionava meio que no vamo que vamo, na tentativa e erro, e que, na pior das hipóteses, daria uma baita dor de barriga. A mim, parece o comunismo: ninguém sabe ao certo como funciona, por que funcionaria, já foi abandonado no mundo moderno e pode deixar todo mundo doente. Uma alternativa talvez mais atualizada seria o processo de maturação controlada, o *dryaged*, que talvez pudesse ser representado pelo intrépido Ciro Gomes. Mas Ciro está mais para um daqueles cozidos tailandeses carregados na pimenta. Também tem sal, uma pontinha de doce, amargor, acidez... tem de tudo. Para quem gosta de emoção, prato cheio. Mas pode queimar a boca, dá uma sede danada, há quem ame e quem não saiba se consegue comer um prato inteiro. Imagina quatro anos nessa dieta.

Temos a Marina Silva, que seria como buchada de bode: ninguém sabe, ao certo, todos os ingredientes que estão ali na receita. Nunca é fácil equilibrar (partidos) miúdos, ingredientes (ou ideias) instáveis e, ainda por cima, querer ouvir opinião de todos os cozinheiros do Brasil antes de tomar uma decisão. Na dúvida, só cozinhar (ou governar) com os melhores. O resultado, tal e qual a chef, é uma incógnita. Já o Alckmin pode ser tudo, menos uma surpresa. Difícil superar o termo “picolé de chuchu”, mas vou me arriscar numa desconstrução: seria como um chuchu recheado de chuchu. No caso, vem recheado dos ingredientes que já conhecemos, bem do “centrão” do vegetal. Não tem mesmo gosto de nada, todo mundo já sabe como vai ficar, que gosto inosso vai ter. É um prato clássico querendo ser moderno. Tudo certo com cozinha tradicional, o que não dá é esperar fazer uma receita com chuchu e sentir gosto de picanha. Fazer a mesma receita com os mesmos ingredientes e esperar um resultado diferente é mesmo loucura. Essa frase, não se sabe bem, pode ter sido dita por Einstein ou Escofier, vá saber.

Tem o Bolsonaro. Tipo fígado: tem gente que acha a melhor coisa do mundo, tem quem ache difícil de engolir. Tem um sous chef famoso que está tentando, por meio da engorda (de ideias), dar um verniz para vendê-lo como foiegras. Tem cara de fígado, cheiro de fígado, gosto de fígado... deve ser fígado. O pouco conhecido João Amoedo tem fama de lagosta, mas está mesmo prometendo nada mais que fazer um arroz com feijão bem feito. Quer uma cozinha enxuta, sem exageros e firulas, para se concentrar apenas no essencial. A receita é nova, parece estar entrando na moda, mas não deve dar tempo de ficar pronta para outubro.

E devemos ter Lula. Devido à impossibilidade de o molusco chegar à mesa, pode escolher um genérico, tipo polvo. Prato conhecido, que todo mundo comeu e gostou por um tempo. Mas polvo congelado (no tempo) fica duro, sem gosto e continua custando muito caro. Pior ainda é polvo requentado. Não dá certo mesmo. Vamos ver se o

ex-chef(ão) vai vir de virado à paulista ou moqueca com dendê.

O certo é que esta eleição promete vir carregada no tempero. Nosso presidente dos sonhos seria um que unisse equilíbrio, experiência internacional, pitadas de criatividade e fosse um amante incondicional da liberdade. Carismático sem ser populista. Um único candidato possível, que ponha ordem na cozinha e ajeite a salada que virou nossa política: Claude Troisgras para presidente!

Felipe Bronze é chef. (O Globo, 05/08/2018)

Nota-se, a princípio, que predomina o campo lexical (segundo Vanoye (2007, p. 28), “o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa”, ou seja, a parte do repertório lexical de uma língua referente a uma área ou a um campo) da gastronomia, da culinária, o que auxiliará o produtor do texto na construção do processo metafórico/comparativo. Também são dignos de nota (não no tocante aos aspectos semânticos, mas no que se refere à seleção lexical e à variação linguística) o emprego de estrangeirismos, em especial vocábulos oriundos do francês, como *faisandé*, *foiegrase sous chef* (a França é mundialmente conhecida como o berço da alta gastronomia, informação de que deve o leitor dispor para atribuir sentido ao que lê; essa informação decorre do que comumente é chamado de conhecimento de mundo ou saber enciclopédico), ou do inglês, como *dryaged*; e a utilização de uma linguagem que beira, por vezes, o informal (“no vamo que vamo”, “daria uma baita dor de barriga”), que pode ser considerada estratégica para captar a atenção do leitor que não se interessaria por gastronomia.

Ao analisar cada candidato a presidente, o famoso *chef* brasileiro traça uma metáfora ou uma comparação, como ele mesmo adiantou no 1º parágrafo, com um prato ou um *chef* de cozinha. A metáfora (termo oriundo do grego *metapherein*, que significa ‘transferência’ ou ‘transporte’ — cf. SARDINHA, 2007, p. 22) pode ser conceituada como

(...) a figura de significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de A e o atributo *predominante*, atributo *por excelência*, de B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à caracterização do termo próprio A. (GARCIA, 2010, p. 107)

A distinção entre metáfora e comparação reside na explicitação do elemento comparativo:

Do ponto de vista puramente formal, a metáfora é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (*como, tal qual, tal como*) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja *parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de* ou um equivalente desses. Assim “seus olhos são *como* (parecem, assemelham-se a, dão a impressão de) duas esmeraldas” é uma comparação ou símile. (GARCIA, 2010, p. 107)

O primeiro dos candidatos é Guilherme CastroBoulos, escritor, ativista e candidato mais alinhado à esquerda, comparado a um prato que é degustado ao atingir o estágio de decomposição. Logo se percebe que o articulista tenciona abranger com essa comparação não apenas o candidato citado, mas o próprio comunismo por ele representado (assim como a técnica para fazer o pato *faisandé*, essa doutrina econômica e política estaria ultrapassada). Em seguida, estabelecidas comparações para um mesmo candidato, Ciro Gomes. Conhecido pelo temperamento explosivo, o presidenciável é comparado ao processo de maturação a seco (*dryaged*), em que a carne é armazenada sem embalagem protetora, a fim de que processos enzimáticos e bioquímicos naturais a tornem macia e com um sabor característico (cf. <https://www.beefpoint.com.br/aprenda-como-preparar-carne-maturada-a-seco-dry-aged-em-sua-casa/>). Entretanto, o autor assevera que Ciro está mais para um cozido tailandês bastante apimentado. Percebe-se, a essa altura, que os termos *pimenta, sal, doce, amargor* e *acidez* são polissêmicos, podendo-se entrever um jogo entre denotação e conotação (sabores *versus* temperamento) na construção da metáfora. Garcia (2010, p. 178-9) esclarece que a “denotação é o elemento estável da significação de uma palavra, elemento *não subjetivo* (grave-se esta característica) e analisável fora do discurso (= contexto), ao passo que a *conotação* é constituída pelos elementos *subjetivos*, que variam segundo o contexto”. Note-se que Marques (2003, p. 62) também destaca a distinção entre denotação e conotação, salientando o papel do contexto (a despeito da dissociação entre Semântica e contexto/situação de uso muitas vezes feita; tal fato só corrobora o que dissemos sobre a dificuldade em definir Semântica e seus limites, ao tentar distingui-la da Pragmática).

O significado básico seria a denotação da palavra. Junto com os demais matizes associativos de significado da palavra constitui a sua conotação. Em determinadas situações, o significado básico, descritivo e referencial por excelência, prevalece. Em outras, o significado conotativo pode preponderar e, até, esvaziar a denotação de uma palavra, criando-lhe sentidos novos, no que se tem chamado processos de hipersemantização. (...)

No sentido conotativo das formas linguísticas, incluem-se os valores de significado que elas adquirem no contexto ou situação de uso: combinatória linguística, circunstâncias e finalidades, funções e intenções de seu emprego,

fatores intersubjetivos presentes no ato de comunicação. (MARQUES, 2003, p. 62)

Portanto, pode-se identificar, em virtude dessa tensão entre denotação (*pimenta* e *sal* são temperos, condimentos utilizados para realçar o sabor dos alimentos; *doce*, *amargor* e *acidez* são sabores perceptíveis ao paladar) e conotação (esses termos são normalmente atribuídos a pessoas geniosas, briganças ou travessas – “Ela é uma pimentinha!”; a pessoas com graça e espirtuosidade – sua ausência caracteriza alguém como “sem sal”; a pessoas que demonstram ternura e afeto – “Ela é um doce!”; a pessoas cheias de amargura, ressentidas – “Ela é um amargor só!”; a pessoas que demonstram mau humor, má vontade, azedume – “Seu humor ácido contaminou a todos” –, respectivamente), uma menção às oscilações de temperamento do candidato. O autor procura interagir com o leitor quando lhe sugere imaginar como seriam quatro anos fazendo essa dieta. O termo *dieta* é empregado metaforicamente, fazendo referência aos quatro anos de mandato.

Para afirmar que Marina da Silva é um enigma, compara-a a um prato típico da culinária nordestina, a buchada de bode, feita com as vísceras do animal. A seguir, faz alusão às dificuldades que serão enfrentadas pela candidata, comparando *partidosamiúdos*, *ideias* a *ingredientes*, assim como *governar* a *cozinhar*. Outro presidenciável, Geraldo Alckmin, já havia sido anteriormente apelidado pela imprensa de “picolé de chuchu”; o *chef* articulista também o associa ao vegetal conhecido por não ter um sabor muito pronunciado, sendo até considerado “sem graça”, como o candidato. Enquanto Marina é uma incógnita, Alckmin é previsível como o sabor de um chuchu. Ao afirmar que ele seria “um chuchu recheado de chuchu” e que “vem recheado dos ingredientes que já conhecemos, bem do ‘centrão’ do vegetal”, remete ao posicionamento político-ideológico do candidato.

Considerado polêmico por muitos eleitores, Jair Bolsonaro é comparado ao fígado, prato amado ou odiado (“(...) tem gente que acha a melhor coisa do mundo, tem quem ache difícil de engolir”). Segundo Bronze, estaria sendo feito um trabalho para torná-lo mais palatável (para empregar uma metáfora gastronômica). Assim como o pato ou o ganso são alimentados para que seu fígado se hipertrofie (o famoso prato francês *foisgras*), o candidato estaria passando por um processo de “engorda (de ideias)” para que seja vendido como algo diferente do que é. Vale ressaltar que o *foiegras* é uma iguaria caríssima. Outro candidato citado por Bronze é João Amoedo, nome pouco conhecido no meio político,

oriundo da iniciativa privada. Por conta de seu histórico, não está associado aos recentes escândalos de corrupção, o que o elevaria à condição de lagosta. No entanto, Bronze emprega a metáfora “fazer um arroz com feijão bem feito”, numa referência a um prato típico da culinária brasileira e presente em todos os lares, sinônimo de comida básica, sem muitos requintes (“cozinha enxuta, sem exageros e firulas, para se concentrar apenas no essencial”). O tempo é questão crucial para a culinária, uma vez que, se não o observarmos, podemos passar do ponto ou deixar o alimento cru. Novamente vale-se de uma metáfora para afirmar que Amoedo não terá tempo de se tornar conhecido do eleitorado até as eleições de outubro: “A receita é nova, parece estar entrando na moda, mas não deve dar tempo de ficar pronta para outubro.”

Ao referir-se ao candidato e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, faz um trocadilho com *Lula* e *molusco*. Como Lula está preso, corre o risco de não “chegar à mesa” (identificamos mais uma metáfora) e ser substituído na chapa por um genérico, como o *polvo*. Note-se, neste trecho do artigo, a ocorrência de termos específicos de outro campo lexical, o dos moluscos (que pode ser relacionado a dois outros campos lexicais mais abrangentes: o da gastronomia, da culinária ou da zoologia, que inclui esses animais invertebrados marinhos). O articulista, por meio de metáforas, afirma que Lula, por ser ex-presidente, é um “prato conhecido, que todo mundo comeu e gostou por um tempo”, para em seguida sugerir que sua popularidade talvez não seja a mesma e que seu tempo já passou (“Mas polvo congelado (no tempo) fica duro, sem gosto e continua custando muito caro. Pior ainda é polvo requentado. Não dá certo mesmo.”). Ainda faz um trocadilho com *chef* e *chef(ão)*, referindo-se ao mais alto cargo da nação (*chefão*), ocupado pelo ex-presidente. O termo em destaque, polissêmico, tanto significa “chefe todo-poderoso; mandachuva, patrão” como “indivíduo que chefia negócio escuso ou criminoso de grande vulto” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 451), numa provável referência às investigações e subsequente prisão de Lula.

Termina sugerindo que outro *chef* (com experiência internacional, criativo, amante da liberdade e carismático) coloque “ordem na cozinha” e ajeite a “salada” da política atual: o francês, radicado no Brasil, Claude Troigros. Nessa última metáfora, o termo *salada*, polissêmico como *lula* e *chefão*, refere-se à “mistura de coisas, salgadeira”, fazendo menção à confusão em que se encontra o cenário político brasileiro (por essa razão, a necessidade de pôr “ordem na cozinha”, outra metáfora).

Percebe-se, ao longo do texto, o recurso ao campo lexical da gastronomia, da culinária: *cozinheiro, pratos, chefs, gastronomia, pato faisandé, carne de caça, aves, degustada, processo de maturação controlada, dryaged, cozidos tailandeses, pimenta, sal, doce, amargor, acidez, prato cheio, prato inteiro, dieta, buchada de bode, ingredientes, receita, miúdos, cozinheiros do Brasil, cozinhar, picolé de chuchu, chuchu recheado de chuchu, vegetal, gosto, gosto insosso, prato clássico, cozinha tradicional, receita com chuchu, gosto de picanha, fígado, difícil de engolir, sous chef, engorda, foiegras, cara de fígado, cheiro de fígado, gosto de fígado, lagosta, arroz com feijão, cozinha enxuta, ficar pronta, molusco, chegar à mesa, polvo, prato conhecido, comeu, gostou, polvo congelado, duro, sem gosto, polvo requentado, virado à paulista, moqueca com dendê, carregada no tempero, experiência internacional, pitadas, ordem na cozinha, salada, Claude Troisgros*. Tal seleção lexical, além de colaborar para a construção da metáfora da política como sendo uma atividade gastronômica, permite que o texto se mantenha coeso, que suas partes se articulem, podendo o leitor, assim, estabelecer o sentido textual. A escolha de palavras pertencentes ao mesmo campo lexical é um mecanismo de manutenção temática (KOCH; ELIAS, 2006, p. 159-60), o que contribui para a progressão textual.

Por intermédio desses termos, um “*frame*” (quadro, esquema cognitivo) é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto sejam interpretados dentro desse quadro, o que permite, por exemplo, desfazer ambiguidades e avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 160)

Dessa maneira, acreditamos que a tarefa de abordar interpretação textual em sala de aula pode vir a se enriquecer sobremaneira com o levantamento do(s) campo(s) lexical(is) predominante(s) em um texto:

Realizar um levantamento dos campos lexicais presentes em um texto permitirá ao aluno comprovar ou não suas hipóteses de leitura, uma vez que as palavras encontradas na superfície textual servem como pistas que o leitor vai desvendando no decorrer do processo. Segundo Henriques (2011, p. 80), tal prática “fornece as ‘provas linguísticas’ que justificam a interpretação do texto”. (ROCHA, 2017, p. 85-6)

No tocante à produção textual, o aluno poderá empregar os mesmos recursos identificados no processo de leitura e interpretação de textos: o emprego de palavras do mesmo campo lexical, como um recurso coesivo de manutenção temática, e da linguagem denotativa e conotativa, nesse último caso, por meio de metáforas e de outras figuras de linguagem, com vistas a enriquecer seus textos.

### 3. Subsídios pragmáticos

Por Pragmática, pode-se compreender “o estudo do uso linguístico” (LEVINSON, 2007, p. 6). Entretanto, é possível atribuir a tal ciência uma diversidade de definições: “estudo dos princípios que explicarão por que certo conjunto de sentenças é anômalo ou não constitui enunciações possíveis”; “o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva funcional, isto é, que ela tenta explicar facetas da estrutura linguística por referência a pressões e causas não linguísticas”; “a pragmática ocupa-se da interpretação destas formas [linguísticas] que é acrescentada pelo contexto”; “o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua”; “o estudo de todos os aspectos do significado não capturados em uma teoria semântica”. (LEVINSON, 2007, p. 7-9; 11; 14). Levinson resume bem a questão da dificuldade de defini-la, à semelhança da Semântica:

Aqui, chegamos ao âmago do problema da definição: o termo *pragmática* abrange tanto aspectos da estrutura linguística dependentes do contexto como princípios de uso e da compreensão linguística que não têm nenhuma ou têm muito pouca relação com a estrutura linguística. É difícil construir uma definição que abranja confortavelmente ambos os aspectos. (LEVINSON, 2007, p. 10)

Portanto, como se pode depreender tanto das definições propostas para Semântica como para Pragmática, a distinção entre as duas ciências é uma tarefa difícil de realizar, sendo aqui empreendida apenas por questões didáticas, o que justifica acolhermos definições bastante genéricas de ambas.

No tocante à Pragmática, seguiremos autores como Moura (2006, p. 66), que considera que “a fronteira entre semântica e pragmática é normalmente traçada a partir da noção de contexto. A significação que independe de contexto é colocada no campo da semântica, e a significação contextualmente dependente é colocada no campo da pragmática (...)”.

Passemos às contribuições dessa ciência à tarefa de ler e interpretar um texto. Ao produzir um texto, seu autor procura explicitar um número considerável de informações que julga necessárias à sua interpretação. Não obstante haja esse empenho por parte do produtor do texto, muitas informações permanecem ausentes da superfície textual, por força da concisão que é exigida por alguns gêneros textuais e do conhecimento que se supõe que o leitor tenha, evitando textos extremamente longos e redundantes. Em outras palavras, muitas informações encontram-se implícitas em um texto, às vezes por força de sua obviedade, cabendo ao

leitor inferi-las por meio de seu conhecimento prévio. As *inferências* são estratégias cognitivas das quais nos utilizamos para relacionar as partes de um texto ou relacionar os dados explícitos que encontramos na superfície textual aos implícitos, com o auxílio do nosso conhecimento de mundo (também conhecido como conhecimento enciclopédico) (KOCH, 2002, p. 30-1; 50; 62). Marcuschi (2008, p. 249) as considera como “hipóteses coesivas” empregadas pelo leitor no processamento textual. Podemos afirmar, portanto, que o produtor do texto conta com a cooperação do leitor, que, acionando seu conhecimento de mundo, realizará inferências e preencherá as lacunas existentes no texto (ser lacunar é uma das características intrínsecas dos textos), acionando as informações implícitas.

Na passagem em que Bronze afirma: “Temos a Marina Silva, que seria como buchada de bode: ninguém sabe, ao certo, todos os ingredientes que estão ali na receita.”, o leitor pode inferir que a candidata é um enigma, um mistério, hipótese confirmada a seguir: “O resultado, tal e qual a *chef*, é uma incógnita”.

Em trecho posterior, o *chef* brasileiro passa a tratar de Alckmin: “Já o Alckmin pode ser tudo, menos uma surpresa. Difícil superar o termo “picolé de chuchu”, mas vou me arriscar numa desconstrução: seria como um chuchu recheado de chuchu.”. O leitor pode inferir que “chuchu recheado de chuchu” é o equivalente da expressão “mais do mesmo”, numa referência à expectativa de poucas mudanças a serem trazidas pelo candidato, hipótese de leitura que se confirma a seguir: “No caso, vem recheado dos ingredientes que já conhecemos, bem do “centrão” do vegetal. Não tem mesmo gosto de nada, todo mundo já sabe como vai ficar, que gosto inosso vai ter.”

Como se pode depreender, ler é uma atividade que envolve a constante produção de inferências, muitas das quais nem sempre nos apercebemos. É por essa razão que, às vezes, o leitor opta por hipóteses interpretativas equivocadas e necessita reler o texto para verificar em que ponto suas inferências falharam.

Grice (1975, p. 45), um dos precursores dos estudos pragmáticos, estabeleceu o Princípio da Cooperação. O estudioso propõe que os falantes buscam cooperar entre si para que a comunicação seja bem-sucedida. Por esse princípio, procuramos respeitar quatro máximas: a da quantidade (ser suficientemente informativo); a da qualidade (ser verdadeiro); a

da relação ou relevância (ser relevante); e a do modo (ser claro) (LEVINSON, 2007, p. 126-7; BATISTA, 2012, p. 96).

Quando uma das máximas conversacionais propostas por Grice é desrespeitada, o ouvinte/leitor esforça-se, cooperativamente, para entender a desobediência à máxima. Embora inicialmente vinculado à conversação, o princípio cooperativo muito se adequa à leitura e à produção do texto escrito. Ao lermos um texto humorístico, como uma piada, por exemplo, a falta de sentido presente na fala de um de seus personagens, nesse caso, será proposital. E o leitor fará um esforço cooperativo para considerar a incoerência como intencional, atribuindo sentido ao texto.

Ao empregarmos metáforas, situação extremamente corriqueira em nosso cotidiano, podemos desrespeitar a máxima da qualidade, por não sermos verdadeiros (LEVINSON, 2007, p. 135-6). Se dizemos que nossa amiga é uma flor, não estamos sendo literalmente verdadeiros, mas seremos compreendidos por nosso interlocutor, que fará um esforço colaborativo para nos entender. Sendo impossível um ser humano ser uma planta, um vegetal, nosso interlocutor nos dará um crédito de confiança e interpretará nossa fala como um enunciado metafórico, não literal. O mesmo ocorre quando somos irônicos: nossa intenção é afirmar o contrário do que dizemos. Nesse caso, também infringimos a máxima da qualidade, pois não dizemos o que consideramos verdadeiro (LEVINSON, 2007, p. 135-6). Nosso interlocutor interpretará o que dizemos como uma ironia, percebendo que não pode interpretar-nos literalmente.

Nesses casos, como o que dizemos literalmente (explicitamente) não pode apenas ser levado em consideração, o que realmente pretendemos dizer é uma informação implícita, que deve ser inferida pelo ouvinte, cabendo à Pragmática explicá-la. Por conseguinte, dizemos mais do que efetivamente é dito.

Retomemos o texto de Felipe Bronze. Como já explicamos anteriormente, ele é construído a partir de comparações e metáforas. O autor compara os candidatos a *chefs* ou pratos da culinária brasileira ou internacional. Cada uma dessas comparações ou metáforas auxilia na construção de outras metáforas: a do país como uma cozinha, a do presidente como um *chef de cuisine* e a da política como uma salada (como a salada reúne variados ingredientes, misturados, assemelha-se à bagunça característica da política nacional). O leitor, cooperando com o autor, não interpreta literalmente o que lê, não considera que o autor esteja faltando com a verdade, ao contrário, acredita no que diz(e, consequentemente, dá-lhe

o crédito de que o desrespeito à máxima da qualidade apresenta uma intenção, considerando o texto um exemplo de linguagem figurada).

Por exemplo, sobre Ciro Gomes afirma: “Para quem gosta de emoção, prato cheio.” E sobre Lula, que ele é um “prato conhecido, que todo mundo comeu e gostou por um tempo.”. Os leitores sabem que os candidatos não são pratos, mas procuram cooperar, interpretando esses enunciados como metáforas, exemplos de linguagem figurada. O leitor, em seu processo de leitura, a partir de suas hipóteses, pode inferir que Ciro Gomes é um candidato polêmico e que Lula é um ex-presidente bastante conhecido, popular e outrora bem avaliado. Essas inferências não se calçam no que se encontra na superfície textual, no sentido literal dos enunciados, que é irrelevante, porém são dependentes do contexto e do conhecimento de mundo. A esse tipo de inferência de natureza pragmática chamamos de *implicatura conversacional*. Ela se estabelece a partir da intenção comunicativa do falante (MOURA, 2006, p. 13; ILARI: GERALDI, 2003, p. 88-9; ARMENGAUD, 2006, p. 87-92; OLIVEIRA, 2012, p. 135). Para Koch (2001, p. 28), a implicatura é um cálculo que se faz para compreender a desobediência intencional a alguma das máximas conversacionais. Batista esclarece:

O princípio de cooperação nos permite observar informações implícitas chamadas de *implicaturas conversacionais*, criadas nos atos comunicativos, pois assumir que os falantes cooperam determina que assumimos também que supostos desvios na troca comunicativa podem estar nos dirigindo para algo que está dito sem ter sido exatamente proferido. Por detrás daquilo que se fala, pode haver outras informações. (BATISTA, 2012, p. 87)

Quanto à produção textual, o professor pode demonstrar ao aluno como o Princípio da Cooperação se aplica não somente à conversação como também aos textos escritos (ao escrevermos um texto, contamos com a cooperação do nosso leitor, que acionará seu conhecimento de mundo para suprir as lacunas encontradas nos textos), assim como pode levá-lo a refletir sobre a necessidade da obediência às máximas (da qualidade, da quantidade, da relação ou relevância, do modo) ou sobre a sua intencional desobediência.

#### 4. Considerações finais

É notória a crise educacional em nosso país. Muitos alunos concluem seus estudos e, ao ingressar na universidade ou no mercado de trabalho, continuam com as mesmas dificuldades em ler ou produzir textos

de quando estavam no Ensino Fundamental e Médio, não atingindo a esperada proficiência. Com o auxílio da Semântica e da Pragmática, que se ocupam dos significados (a primeira considerando o que se encontra na superfície textual; a segunda levando em consideração os implícitos e o contexto), esperamos ter alcançado nosso intuito de demonstrar, mesmo que brevemente, como pode o professor levar seu aluno a ler, interpretar e, conseqüentemente, produzir textos com mais facilidade, tornando-se um leitor/produzidor de textos proficiente e reflexivo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola, 2006.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas-SP: Pontes, 1987.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- GRICE, H. P. Logicandconversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (orgs.) *Syntaxand Semantics*. Nova Iorque: Academic Press, 1975. v. 8, p. 41-58
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2003.
- KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Caminho, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Estudos semânticos*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROCHA, Claudia Moura da. Lendo as linhas e as entrelinhas do texto: o papel da Semântica e da Pragmática no ensino de leitura e interpretação de textos. In SILVA, Alexandre Batista da; MALFACINI, Ana Cristina dos Santos; PAULA, Mayara Nicolau de (Orgs). *Língua portuguesa: teorias linguísticas e práticas discursivas*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2017.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.